



Sarney: a sucessão não precisa de coordenador

Da sucursal de
BRASÍLIA

O presidente do PDS, senador José Sarney, disse ontem que a sucessão presidencial constitui um processo fundamentalmente político e seu trânsito pelo partido do governo será um fato natural. A participação do PDS no processo sucessório, segundo Sarney e o secretário geral do partido, deputado Frisco Viana, no entanto, se dará num momento a ser determinado pelo presidente da República, que recebeu do PDS delegação de poderes para atuar como coordenador natural de sua sucessão.

Os dois dirigentes do PDS sustentaram que entre Figueiredo e o partido existe perfeito entrosamento, tendo Sarney discordado das críticas de que estaria faltando um coordenador político oficial. Em sua opinião, a figura do coordenador era necessária e até mesmo indispensável quando o processo político era mais fechado, mas não atualmente, em plena fase de aberturas democráticas, quando a atividade político-partidária se desenvolve esponta-

neamente e os entendimentos e coordenações também se processam da mesma forma, sem esquema rígido ou coordenador único.

O presidente do PDS entende que a coordenação se fará sentir nos momentos devidos e insistiu em que o bloco formado pela bancada mineira na Câmara e a ação conjunta que vêm desenvolvendo os governadores do Nordeste devem ser entendidos como práticas normais e mesmo desejáveis, próprias à atual fase que o País atravessa.

O senador José Sarney negou procedência aos rumores sobre uma reforma ministerial a curto prazo, dizendo não ver correlação entre a maxidesvalorização do cruzeiro e eventuais mudanças no Ministério. Por sua vez o secretário-geral Frisco Viana admitiu que o PDS não foi informado da "máxi" por antecipação e argumentou que "em qualquer país do mundo, presidencialista ou parlamentarista, uma medida de tal ordem prescinde de entendimentos ou comunicações prévias entre as autoridades da área econômica e o partido oficial.